



ROTA



Impresso na
Gráfica Almondina — I. Novas

Director — *Relindo Costa*
Del.º do Director do C. E — *João Henriques*

Quinzenário
Académico do C. A. C.

A B E R T U R A

Mirante

A Juventude, entregue na maioria dos casos a futilidades, tem de esforçar-se por ser consciente perante as obras de artistas, de cientistas, de sábios que contribuem, com o seu admirável ardor, para a concretização daquilo a que chamamos Progresso. Nesse trabalho de consciencialização nós podemos encontrar — posso afirmá-lo — um prazer intenso, um prazer que nos dá uma imensa alegria espiritual.

Depois da Saúde, a maior riqueza do homem é a Sabedoria. Só quem nunca se sentiu tocado pela dúvida do sábio; só quem nunca se entusiasmou na dissipação dessa dúvida; só quem nunca vibrou na presença duma obra de Arte; enfim, só aqueles que nunca experimentaram sair da superfluidade duma vida mais ou menos fácil, mas banal, poderão desprezar, pôr em dúvida ou desdenhar tal afirmação.

Este quinzenário é dedicado aos novos que estão iniciando a sua marcha ao longo da Rota do Saber. Dedicado a esses, nele poderão colaborar pessoas que já tenham feito uma longa caminhada por essa Rota Infundável. Sim, Infundável! Os homens jãmais deixarão de correr por ela, possuídos pela ansiedade insaciável de conhecer a Verdade. Aqueles que hoje formam a guarda-avançada do combate pela conquista de novos conhecimentos, deixarão à Humanidade o benefício das suas descobertas. E serão os novos, os novos de hoje, que terão de prosseguir nessa labuta eterna.

Nem todos, porém, podem integrar-se na dianteira desse exército universal, cujas armas se resumem na Técnica, cuja força se limita à Razão. Aí apenas tem lugar o homem de Génio. O homem de Génio constroi a Rota Infundável. Nós simplesmente procuramos segui-la e, mesmo assim, encontramos inúmeras dificuldades na nossa caminhada. E é nos momentos em que essas dificuldades se desmoronam, que experimentamos uma maior alegria espiritual.

Para que esta publicação possa continuar, será ne-

Mirante que nasceu Bìgorna. Tal qual. Do Mirante descortinam-se mais largos horizontes. Dada esta genealogia vamos ao assunto de hoje.

Libertação: — Sabes certamente o que representa a data de hoje para todos nós. Um punhado de heróis libertou-nos para sempre do jugo do opressor. Arriscou a própria vida para que nós vivéssemos livres e independentes. Sim, corajosa, resoluta, implacavelmente libertou-nos. O inimigo sugava-nos o próprio sangue. Pois, sugava-nos tal qual uma sangue-suga. A acção heroica desses bravos impunha-se. Era necessária. Todos os compatriotas a exigiam. Houve, como sabes, aqui, e acolá, sabotadores dessa arrancada. Além de sabotadores esses eram também sugadores dos seus compatriotas. Eram vendilhões da Pátria, que deve sobreviver a quaisquer paixões polfticas. Sabes também qual foi o destino desses traidores.

Tribuna de Minerva

O homem comum na presença da Arte

orientar o homem vulgar na apreciação da arte será, sem dúvida, uma valiosíssima contribuição para elevar o nível cultural duma sociedade. Não se pretende, com as modestas considerações que a seguir se apresentam, resolver tão melindroso problema, mas sim contribuir, na medida do possível, para que ele se torne salúvel.

A expressão «homem comum» pretende englobar todos os indivíduos que, não tendo um contacto directo (profissão, manifesta inclinação, etc.) com a Arte, se propõem, no entanto, nas horas de ócio, comentar e criticar manifestações artísticas com as quais deparam acidentalmente.

Para comentar, nestas questões de Arte, é suficiente traduzir em palavras a impressão recebida. Na verdade, desde uma breve exclamação de aplauso ou desagrado, até ao mais longo monólogo ou diálogo, podemos sempre comentar, isto é, exteriorizar a nossa reacção perante um motivo de Arte. Mas isto não passará duma atitude puramente pessoal. Quando, porém, se pretende emitir um juízo crítico capaz de se impor aos outros indivíduos, é necessário possuir um conjunto de qualidades que, diga-se em abono da verdade, poucos possuem.

Ao crítico deve portanto exigir-se, além duma sensibilidade elevada, a capacidade de poder desdobrar a sua personalidade, não falando nos predicados que de-

vemos exigir a qualquer homem são, tais com capacidade de reflexão, probidade, etc. Desdobrar a personalidade significa, neste caso, que além do modo pessoal de ver certo assunto, se pode também vê-lo debaixo do ponto de vista dos restantes indivíduos. Assim, estar-se-á em posição de emitir juízos e conceitos que todos possam aceitar. Porém, tal não se observa com o chamado «homem comum» que, ignorando ou esquecendo estes pormenores, se atreve a criticar toda e qualquer obra de Arte, tentando muitas vezes, o que é mais grave, impor a sua maneira de ver.

E eis o ponto que pretendíamos focar: Que posição deve tomar o homem comum em presença da Arte?

Antes de darmos uma resposta é conveniente frisar que devemos escalonar os indivíduos abrangidos pela expressão «homem comum», pois que, na realidade, de homem para homem a sensibilidade e cultura variam, podendo até imaginar-se uma enorme escadaria em cujos degraus inferiores abundarão os espíritos animalescos, e em cujo topo poderemos divisar alguns de sensibilidade e cultura bastante elevada.

Deste modo deduz-se que a posição a tomar por cada indivíduo só pode ser definida por ele mesmo, pois que não há modo prático de o esclarecer acerca da sua sensibilidade e cultura. Quer dizer: como cada indivíduo, na generalidade, se coloca sempre numa posição mais elevada do que a que na

realidade lhe pertence, só quando cada um se tornar mais humilde e puser em dúvida a sua competência, se conseguirá, de cada um, uma atitude contemplativa, deixando a crítica ao cuidado dos críticos.

Assim nos surgiria uma segura escala de valores, onde o apreciador comum não se atreveria a ser crítico, e onde os que mais evoluíssem ingressariam no campo da crítica, mas providos das virtudes adquiridas nas fases anteriores, isto é, quando não passavam de meros apreciadores.

Resumindo, parece-nos que qualquer mortal, por muito despreocupado que seja, gostará de saber que suas palavras são sempre alvo da melhor atenção e respeito. Duvido, no entanto, que a maioria consiga tal resultado; é mesmo frequente observarem-se, depois de qualquer acontecimento artístico, grupinhos de senhores com certas responsabilidades e bem instalados na vida, onde os comentários são duma pobreza alarmante. E tudo porque julgam não ser «decente» deixar de dizer dois díslates a propósito.

E', pois, lógico pensar que, com sinceridade ou sem ela, todos nós nos preocupamos com a Arte. Sendo assim, aconselhamos os que a usam a rectificar a sua atitude, empregando mais a sensibilidade do que a razão, com o que conseguirão mais afinidades com a Arte, aumentando os prazeres que dela possam tirar. E, aos que a não usam, aconselha-

O problema da forma artística

E A ARTE MODERNA

DEFINIR obra de Arte é um assunto tão delicado que, apesar de tanta especulação filosófica feita nesse sentido, ainda se não conseguiu chegar a um acordo definitivo. Por conseguinte, quaisquer afirmações que venha a fazer não têm propriamente um valor de definição.

Escreveu Taine que sem

mos o uso da razão para que consigam perceber que é bem triste a figura que fazem quando se arvoram em críticos.

E vem tudo isto a propósito porque, quando cada indivíduo se compenetra do seu papel nestes assuntos da Arte, é sinal de que se conseguiu uma apreciável elevação no espírito de apreciação colectiva que, para bem da sociedade, se generalizará a todos os assuntos que ela, sociedade, pressupõe.

Nós bem sabemos que este periódico não tem a expansão que os seus orientadores desejariam, e que permitisse, portanto, ser fluída qualquer iniciativa a que se abalçasse. Mas isso não impede que, mesmo pequeno como é, ele aspire a ser o elo de ligação dos estudiosos que pretendam evoluir, e se esforce por forjar, à sua volta, uma pequena mas esclarecida «élite» que acompanhe e impulse qualquer manifestação artística, contribuindo, assim, brilhantemente, para o bom nome da sua terra.

ZÉ DUQUE

forma não há Arte. Ninguém pode contestar o valor de tal afirmativa. A obra artística surge quando se reveste um determinado sentimento de forma (plástica, musical, poética ou literária).

Primitivamente eram rudimentares os processos que o homem empregava para exteriorizar as suas emoções. A técnica evoluiu e, subsequentemente, a forma aperfeiçoou-se. Entretanto, não se julgue que é através, por exemplo, da reprodução fiel do rosto de qualquer pessoa, que se cria uma obra de Arte. Uma máquina fotográfica seria suficiente para esse fim. O que se pretende é dar a esse rosto as características psicológicas do indivíduo que o possui. E é esse o ponto que eu desejo focar.

Alguns artistas deformam, mais ou menos, o aspecto exterior duma pessoa, para melhor traduzirem o seu íntimo, o seu espírito. Outros, pelo contrário, permanecem fiéis à minuciosidade da forma. Os primeiros intitulam-se continuadores da evolução progressiva da Arte; os segundos procuram ser idênticos aos grandes mestres do passado. A quem dar razão?

Quase todas as pessoas têm o defeito de não saber apreciar um quadro, um romance, uma poesia, uma escultura, um filme ou uma música. E tudo porque olham apenas para a superfície das coisas. Esquecem-se que na verdadeira obra de Arte há um conteúdo destinado a fazer nos vibrar. O estado de espírito do artista é o condicionamento da obra; a forma

e o meio de traduzir tal estado de espírito e não, como muita gente supõe, o fim; o fim será tornar perceptível aos outros a emotividade inerente a tal estado espiritual.

Chamada a atenção de todos para este ponto essencial, procuremos estabelecer, agora, se a forma deve ou não ser sacrificada. Aí vai a nossa opinião.

Se a forma é o meio e a percepção dum sentimento o fim em vista, deverá concluir-se que:

1.º—Os formalistas sacrificam o fim ao meio;

2.º—Os deturpadores da forma sacrificam o meio ao fim.

Como o que mais interessa, em Arte, é atingir o fim em vista, nós defendemos que a melhor obra de Arte é a que obedece ao segundo critério. Quem obedecer ao primeiro acabará por ocultar o sentimento impulsor, procedendo como um fotógrafo, no caso da pintura, ou como um puro técnico, consoante as diversas modalidades artísticas praticadas. Devemos acrescentar, contudo, que é preciso um certo cuidado com os pretensiosos que, dizendo-se modernos, especulam a credulidade dos leigos.

ARLINDO COSTA

Um homem é sábio, quando procura a sabedoria, mas é louco, ao convencer-se que já a alcançou.

LANGSTON HUGHES

O maior poeta negro. Um dos maiores poetas norte-americanos e dos maiores da actualidade.

É assim que geralmente é classificado este poeta.

Originário dum dos estados do Sul dos E. U. A., nasceu em 1902, no Missouri. Levou uma vida agitada. Correu mundo, fazendo-se marinheiro quando disfrutava duma situação representativa de professor de inglês em país estrangeiro. Esteve também em Paris, na Espanha e na Itália. Culto, possuindo vários certificados — frequentou a Universidade de Columbia — teve

os empregos mais diversos, chegando a moço de recados e lavador de pratos num hotel elegante.

A sua poesia é carregada de revolta — uma revolta sem aspereza, antes com mansidão, como nota Ribeiro Couto. Este sentimento de revolta, uma enorme nostalgia, um profundo religiosismo — eis as características que mais ressaltam da sua obra.

Os poemas de L. Hughes apresentam-se como melodias cantadas, em que os estribilhos exercem uma função puramente musical que por vezes nada tem com o sentido poético. P. A.

OFERENDA (Trad. de RIBEIRO COUTO)

Limpa as escarradeiras, rapaz!

Detroit,

Chicago,

Atlantic City,

Palm Beach.

Limpa as escarradeiras!

Bafo de água quente na cozinha do hotel,

E fumaça nos corredores do hotel:

Partes da minha vida.

Eh, boy!

Um níquel,

Uma prata,

Um dólar,

Dois dolares por dia.

Eh, boy!

Um níquel,

Uma prata,

Um dólar,

Dois dolares.

Sapatos para o menino,

Aluguel de casa a pagar,

Igreja aos domingos

Meu Deus!

Filhos e igreja

E mulheres e domingo

Tudo misturado com pratos e

Dolares e escarradeiras de metal

E aluguel de casa a pagar.

Eh, boy!

Esta bola de metal é digna do Senhor.

Metal brilhante e polido como os címbalos

Dos dançarinos do rei David,

Como as taças de vinho de Salomão.

Eh, boy!

Uma escarradeira de metal no altar do Senhor,

Uma escarradeira limpa e reluzente, como nova.

Pelo menos posso oferecer isto.

Eh, boy!

POEMA (Trad. de MANUELL BARRAL)

A noite é bela:

Assim as faces do meu povo.

As estrelas são belas:

Assim os olhos do meu povo.

Belo é também o sol.

Belas são também as almas do meu povo.

CANTO DA SAUDADE (Trad. de RIBEIRO COUTO)

A ponte da estrada de ferro,

Um triste canto no ar.

A ponte da estrada de ferro,

Um triste canto no ar.

Toda vez que passa o trém

Quero ir para outro lugar.

Fui andando até à estação,

Levava o coração na boca.

Cheguei perto da estação.

Procurei por um vagão

Que me levasse para o Sul.

Meu Deus, a saudade é coisa

Terrível de se sentir.

Saudade da terra é coisa

Terrível de se sentir.

Para não romper em pranto,

Abro a boca e fico a rir.

que vinham dum enterro e dum cão que morreu

ELE era alto, magro, e teria uns cincoenta anos. Ela era baixa, obesa e devia ter, sensivelmente, a mesma idade. Íamos só nós (eles e eu) naquele compartimento duma carruagem de segunda. Eu, de regresso de uma festa onde me divertira imenso, o que raramente me acontece. Eles, de luto pesado, olhos vermelhos de quem havia chorado muito. E eu, que trazia alegres recordações da festa aonde fora, logo que os vi pus-me triste também. De vez em quando ele respirava fundo e suspirava. E logo ela suspirava também. Depois levavam aos olhos os lenços com larguíssimas barras pretas, a secar as lágrimas.

Pensei em abandonar aquele compartimento que, quando entrara, me parecera alegre e, agora, se me afigurava tam triste. Pareceu-me, no entanto, que talvez a presença duma terceira pessoa os aliviasse e deixei-me ficar. Com perfeita regularidade eles continuam a respirar fundo, suspirar e limpar os olhos, o que acabou por me comover ao ponto de suspirar também. Quando ouviram o meu suspiro olharam-me, ambos. E, melancolicamente, sorriram-nos os três, a pensarmos, certamente, no mesmo: na tristeza da vida.

Nos compartimentos contíguos, falava-se e ria-se. E nós, ali, os três, nada dizíamos. Ainda tentei dizer qualquer coisa que os pudesse consolar. Mas que poder poderiam ter as minhas pa-

lavras contra tamanha dor? Por isso, as palavras morreram-me nos lábios. E pus-me, então, a pensar em quem teria morrido pai? mãe? irmão? Com certeza alguém a quem queriam muito, pois que mágoa tam funda só assim tinha justificação. E doeu-me, senhores, o contraste que fazia a alegria com que eu entrara com a dor que eles tinham. Por isso, quando eles suspiraram uma vez mais, também eu suspirei.

Foi então que ele se levantou, assuou-se ruidosamente e disse com voz dorida:

— Não, nunca pensei...

E logo ela, num lamento:

— Nem eu...

E o suspiro que ambos deram foi mais fundo. E o meu, também.

Depois ele deu uns passos, agitado, e como que esque-

cido da minha presença ali, quase gritou:

— Pensar que ele era tido como um modelo de virtudes e bom senso e, afinal, era o que se viu. Um estoira vergas. Duma fortuna imensa pode dizer-se que tudo estragou. Sim, porque o que vamos herdar e nada é quase a mesma coisa. E esperava eu que quando ele morresse a nossa vida mudasse. E ficamos como dantes...

E ela como um eco e cada vez mais triste:

— Ficamos como dantes.

E o suspiro que deram foi o maior que já mais ouvi.

Ora o homem que morrera, possuira, em vida, um cão que nunca esperou que na herança lhe coubesse um osso, sequer. Mas o homem deixou-lhe. Ainda em vida

Continua na 8.ª página

NAU D'ENGANOS

Enche-me a alma num frémito de amargura
Dos doces sonhos, a antiga lembrança
Donde julgava só colher esperança:
Colhi também ódios e desventura.

Cria que a vida era mar de bonança
Onde a minha nau navegava segura
Numa caminhada cheia de loucura
De encontro à glória e à abastança.

E então cerrei os olhos fascinado,
Velas ao vento... a correr ilusões,
A' procura de mais alto e de mais belo.

Mas hoje acordei como em pesadelo.
A nau que me levava ao Eldorado
Naufragou no mar revolto das paixões!

JOSÉ ANTUNES DE OLIVEIRA REIS

CALENDÁRIO

1 DE DEZEMBRO DE 1640

QUE posso eu dizer acerca desta data gloriosa? Os acontecimentos deste dia estão bem gravados no coração de todos os portugueses que hoje os recordam com orgulho. Até os espanhóis hão-de lembrar-se, ainda que, como eu já ouvi, teimem esquecê-los:

Há anos, no dia 1 de Dezembro, um professor espanhol, num Instituto de música em Portugal, encontrou fechado o estabelecimento de ensino onde era mestre; perguntou a uns garotos que brincavam perto, porque estava fechado o Instituto.

Um dos do grupo respondeu arrogante:

— O senhor não sabe que é feriado?

— Porquê?

— Porquê? Porque faz hoje anos que pusemos na rua os espanhóis.

— Eh, tu tão pequenito!... Também queres ser gente?

— Quero e hei-de sê-lo, para os não deixar cá pôr os pés outra vez.

Esta criança tinha ainda a girar-lhe nas veias o sangue glorioso dos actuaes de 1640, desses 40 homens resolutos que deram ao mundo uma sublime lição de heroísmo, desses homens que quizeram e souberam ser gente!

Não precipilemos os acontecimentos e sigamos de perto as causas da Revolução.

A guerra dos trinta anos transforma-se numa conflagração europeia, através da qual lutam pela supremacia dois grandes inimigos — a Casa de Austria e a França de Richelieu. E para limitar o poder da Casa de Austria

e evitar a reorganização do Império de Carlos V, a França declara guerra à Espanha.

Questões religiosas coligam também contra a nossa opressora a Holanda e a Inglaterra.

Os nossos soldados são recrutados para lutarem pela Espanha; os nossos barcos passam a fazer parte das esquadras filipinas; o património do Estado extorquido e o povo sobrecarregado de impostos que vão custear as despesas da guerra.

Os inimigos da Espanha declaram-se nossos adversários, e no Brasil, na Africa, no Oriente esfarrapam o Império que não podemos defender, agrilhoados pela politica do Conde de Olivares. Os holandeses deixam de vir ao Tejo carregar os seus barcos e vão directamente ao Brasil, à India, onde criam companhias comerciais; destroem assim o nosso empório comercial.

O ignóbil conde-duque de Olivares, com a sua politica de centralização, pretende fazer de Portugal uma provincia espanhola e dar, deste modo, o último golpe na independência, pois só com Filipe IV a nossa sujeição à Espanha toma carácter de absorcionismo intolerável.

Todos estes factos nos incitam a preparar a reacção, a recobrar plena liberdade. Favorecem os nossos desejos e aceleram os acontecimentos:

a) A politica de Richelieu para impedir a unificação da Península;

b) a revolta da Catalunha para onde a Espanha dirige as suas atenções;

c) a ordem de partida precipitada da principal nobreza de Portugal para o reino vizinho, pois o ministro de Filipe IV suspeitava da organização duma conspiração; antes que actuem vão para Espanha.

São estes nobres, que incarnam o espirito da Nação, que, antes de deixarem a Pátria, querem aproveitar o momento que parece favorável. Não se pode perder um segundo.

As reuniões secretas sucedem-se umas às outras, ora em Xabregas em casa de Jorge de Melo, ora em Lisboa no palácio de D. Antão de Almada.

Embora a prudência de D. João da Costa os aconselhasse a não proseguirem nos seus intentos, por julgar difficil e arriscada a empresa que, fracassando, seria a perda absoluta da Nação, a gravidade das circunstâncias não admite delongas para o passo decisivo.

Nenhum outro ensejo se depara tão propicio. A revolução catalã absorve todos os cuidados e forças espanholas, impedido-as de acudir a qualquer outro ponto de desordem.

Tudo se oferece à consumação dum acto que o desespero, no seu auge, exige immediato. Impossível olhar para trás, reflectir, vacilar. O caminho está traçado com nitidez inexorável. Cerrados os olhos a todas as difficuldades, oferecidos os peitos aos maiores perigos, vão para a frente, confiados em Deus e nos Destinos da Pátria.

Surge a manhã de 1 de

MIRANTE

Continuação da 1.ª página

Era natural que assim fosse. Portugal acima de tudo.

Independência: Esses bravos entregaram-nos Portugal livre e independente. Libertaram a Família Portuguesa. Arrancaram-na das garras do inimigo.

Como sabes, também não foi sem pesado sacrifício. Arriscaram tudo. Venceram. Legaram-nos esta nossa Pátria. Devemos continuá-la. Sejamos os seus fiéis depositários. Sim continuar a nossa Pátria. Hoje és jovem. És a esperança de amanhã. A Pátria chama-te, exige a tua presença, a tua actividade, o teu suor, o teu trabalho, o teu sacrifício, o teu sangue, a tua vida mesmo.

Dezembro e, desde muito cedo, todos se encontram nos lugares que lhes foram destinados. Dado o sinal, irrompem no Paço e dominam as sentinelas. Enquanto um grupo chefiado por Miguel de Almeida, surpreende a Guarda dos Arceiros, João Pinto Ribeiro e Tomé de Sousa, com mais alguns, dirigem-se para o quarto do traidor Miguel de Vasconcelos, secretário da vice-rainha, cujos aposentos estão guardados por Luis Godinho e outros.

Arrombam a porta do quarto e, grande decepção! não o vêem. Procuram por todos os cantos e encontram-no livido de terror dentro de um armário. D. António de Telo Menezes, que recebera o encargo de o executar, imediatamente lhe dispara um tiro de morte.

Todos os actos são decisivos, enquanto isto se passa Miguel de Almeida chega a uma janela gritando para o

Dá-te, porque dando-te continuas Portugal. Morrendo pela Pátria, tu vives e ela sobrevive.

Progresso: Dou aqui a este termo o sentido mais alto, universal. Depois de liberto e independente, o fim imediato é progredir. Progredir individual e colectivamente. Se souberes progredir individualmente, farás progredir colectivamente, por influência e até por acção directa. Mas para isso é preciso que saibas progredir. Não egoístamente. O progresso implica doação, o que não é próprio do egoísta. És estudante, és operário, és industrial, és comerciante, és intelectual, progrides ou procuras progredir. A

povo que se comprime junto ao Paço:

— Liberdade, portugueses! Viva D. João IV!

As aclamações reboam jubilosas.

Falta dar o golpe de Estado à duquesa de Mântua, à vice-rainha. Pedro Mendonça, D. Antão de Almada, D. António Luis de Menezes e outros companheiros entram nos seus aposentos e declaram-lhe terem restituído o trono à família de Bragança na pessoa de D. João; e que Portugal já não reconhece outro rei. A duquesa quer reagir mas não lho consentem.

Nesta manhã Portugal nasce de novo, quando pouco lhe falta para sucumbir. Restitue à vida a firmeza inquebrantável da vontade nacional representada por uma dezena de fidalgos e secundada pela adesão popular.

M. M. Lopes

Prof. do Col. Santa Maria

tua volta há concorrentes, há admiradores, há entusiastas que são de qualquer modo influenciados pela tua actividade, pelo teu progresso. Progrides assim individual e colectivamente. Do progresso individual e colectivo vem o progresso da nossa Pátria.

Não clames, não grites: «Somos um povo atrasado». Entra em ti e pergunta: «Qual a minha contribuição para o seu avanço?» E se contribuíste, achaste demais a tua contribuição? Achaste demasiado o esforço dispendido? Responde para ti e comenta.

Não são só os dirigentes os responsáveis. És uma parcela de um todo. Este todo só será positivamente *Todo* quando fores uma parcela actuante, contribuinte, influente no *Todo*.

Conclui na página seguinte

ABERTURA

Continuação da 1.ª página

cessário auxílio. Auxílios que sabem alguma coisa aos que não sabem quase nada; auxílio do comércio e da indústria, anunciando no nosso jornal. Só assim poderemos exortar os jovens a seguirem a sua Rota, a nossa Rota. Só assim poderá perdurar o auxílio que se tem prestado aos estudantes pobres.

Aqui termina a Abertura...

Que muitos outros passos sejam dados dentro do caminho que nos propusemos seguir.

Arlindo Costa

Mirante

Continuação da 7.ª página

Sabes se os dirigentes, não contribuiriam ainda mais, não adoptariam outras medidas, se tu fosses realmente uma *Parcela*?

O Todo, a Pátria espera, exige a tua parcela. Não a recuses. Tu não estás a mais. Tens uma missão a cumprir. Cumpre-a. Assim continuarás a libertação, a independência, o progresso da nossa Casa Lusitana.

Viso

História de duas pessoas que vinham dum enterro

Continuação da 5.ª página

ordenara que cuidassem do animal. Mas o cão não era gente e a tristeza roubou-lhe a fome. E apareceu um dia, morto, à porta do quarto do dono.

E é por isto e outras coisas que eu gosto dos cães. Quanto às pessoas de luto que suspiram tristemente, olho-as sempre desconfiado, não queiram os suspiros e a tristeza significar saudade pela herança que não chegou.

17-11-47

FERNANDO HENRIQUES COSTA

Basílio S. Cardante

Agente das tintas ARCO e da COMPANHIA DE SEGUROS A PORTUGAL, acaba de receber peças e todos os acessórios para automóveis: baterias, buzinas marca DELCO, carburadores, antenas para telefonias, projectores, etc., etc. Encarrega-se também de formação e carga de baterias.

Torres Novas

MOVEIS

ALBERTO MARQUES

Fabricante de mobiliás em série

Telefone 2124

Torres Novas

Empresa Industrial de Electricidade do Almonda, L.ª

ILUMINAÇÃO E FORÇA MÓTRIZ

TELEFONE 2119

TORRES NOVAS

Pastelaria Império

O melhor fabrico do DISTRITO

Beba Café na IMPÉRIO

— o melhor de todos —

Bebidas quentes e frias de todas as qualidades

ÓCULOS



COM RECEITA MEDICA aviam-se na **Droaria ÉLITE**

Concertos

TELEFONE 2030

Stand "PACOR"

D E
Patrício & Cordeiro, L.ª

Rua Alexandre Herculano, 51

Telefone 2025

* * Torres Novas * *

AUTOMOVEIS

MOTOS

B. S. A., Norton, Triunfo, A. J. S., Matchless, Douglas, Panther, F. N.

BICICLETAS

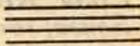
de todas as marcas

RÁDIOS ULTRA

Máquinas de escrever Olivetti

Oleos Fiske's

Vendas a pronto e a prestações

Grande 
 Oportunidade

O agente, desta vila, dos pneus marca **Good-year**, acaba de receber da mesma fábrica o novo produto — **Solas Neolite** — que substitue com grande vantagem, tanto no seu preço como qualidade, solas e tacões de couro.

Dirija-se a

Basílio S. Cardante

Torres Novas

MACHADOS & LOPES, L.ª

TORRES NOVAS

Merccaria, Vinhos do Porto, Espumantes, Aguas do Cruzeiro, etc.